



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS APLICADAS
CAMPUS ANTÔNIO MARIZ – CAMPUS VII
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

CHARLES DIKSON ALVES DE BRITO FILHO

**INTELIGÊNCIA COMPETITIVA: uma análise bibliométrica
no Brasil de 1990 a 2015**

PATOS - PB
2016

CHARLES DIKSON ALVES DE BRITO FILHO

**INTELIGÊNCIA COMPETITIVA: uma análise bibliométrica
no Brasil de 1990 a 2015**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Administração da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Me. Dante Flávio Oliveira Passos

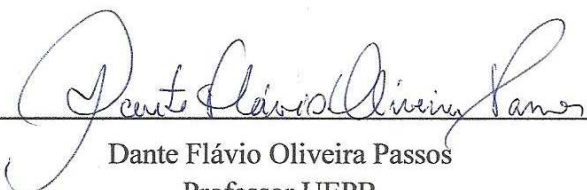
PATOS - PB
2016

CHARLES DIKSON ALVES DE BRITO FILHO


**INTELIGÊNCIA COMPETITIVA: uma análise bibliométrica
no Brasil de 1990 a 2015**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Graduação em Administração da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau
de Bacharel em Administração.


Aprovado em: 18/05/16



Dante Flávio Oliveira Passos
Professor UEPB
Orientador



Joacio de Oliveira Costa
Professor UEPB
Examinador



Felipe César da Silva Brito
Professor UEPB
Examinador

PATOS - PB
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B862i Brito Filho, Charles Dikson Alves de
Inteligência Competitiva [manuscrito] : uma análise
bibliométrica no Brasil de 1990 a 2015 / Charles Dikson Alves de
Brito Filho. - 2016.
24 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Administração) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, 2016.
"Orientação: Prof. Me. Dante Flávio Oliveira Passos, CCEA".

1. Inteligência Competitiva. 2. Bibliometria. 3.
Administração de empresas. I. Título.

21. ed. CDD 658

Agradeço ao Senhor, meu Deus. A minha família e amigos dedico.

*“Uns confiam em carros e outros em cavalos, mas nós faremos menção do nome do Senhor nosso Deus.”
Salmo 20.7*

Inteligência Competitiva: uma análise bibliométrica no Brasil de 1990 a 2015

Charles Dikson Alves de Brito Filho¹
Dante Flávio Oliveira Passos²

RESUMO

Atualmente as organizações estão vivenciando um contexto de alta competitividade, e novas ferramentas tem surgido como forma de enfrentar esses desafios. A Inteligência Competitiva é uma dessas ferramentas, propondo estruturar informações importantes a partir do ambiente no qual a organização esta inserida, analisá-las e fornecer subsídios adequados para uma melhor tomada de decisão ou formulação de estratégia em tempo hábil. Suas bases evolutivas vêm desde a antiguidade, porém só começou a ser usada em organizações a partir das décadas de 70 e 80. No Brasil, seu uso foi difundido a partir da década de 90. A disseminação de informações no meio organizacional está diretamente ligada ao grau de produção científica do país naquela área do conhecimento. A bibliometria é usada como forma de medir quantitativamente a produção científica sobre um determinado tema. A inteligência competitiva no Brasil ainda é pouco estudada e difundida. A análise bibliométrica mostrou que o número de artigos, teses e dissertações sobre inteligência competitiva só aumentou significativamente no país a partir dos anos 2000, o que expressa uma resposta tardia da academia brasileira em pesquisas relacionadas ao tema.

Palavras-Chaves: Inteligência competitiva; Bibliometria; Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Influenciado por inúmeros fatores, o ambiente de negócios se encontra, cada vez mais, competitivo. As organizações precisam lidar diariamente com cenários complexos, cheios de incertezas e desafios. Por isso, os recursos disponíveis precisam ser usados a fim de garantir à sobrevivência das empresas. Nesse contexto, a informação passou a ter um papel extremamente relevante e suas ferramentas de uso tem evoluído constantemente ao longo das últimas décadas. A Inteligência Competitiva (IC) é uma dessas ferramentas, cujo objetivo é fornecer informação adequada em tempo hábil para uma melhor tomada de decisão, caracterizando-se ainda como um processo constante de monitoramento do ambiente no qual a organização está inserida.

Novas ferramentas de inteligência voltada a negócios, como é o caso da IC, tem sido motivo de inúmeras pesquisas atualmente. Em plena era da informação, o conhecimento

¹ Orientado: Charles Dikson Alves de Brito Filho – Graduando em Administração pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus VII, Patos- PB. E-mail: charlesdiksonfilho@gmail.com

² Orientador: Dante Flávio Oliveira Passos – Mestrado em Administração, Prof. Da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VII, Patos- PB. E-mail: danteflavio@gmail.com

passou a ser um dos ativos mais preciosos para as organizações e a capacidade de usá-lo em resposta aos desafios crescentes tem se constituído em um processo especialmente importante (BETHELEM, 2009).

Os debates em torno da IC vêm crescendo consideravelmente desde a década de 1980. A estruturação de um sistema de coleta e análise de informações ambientais tem se tornado uma preocupação da alta administração das empresas (BALESTRIN, 2004). É necessário um grande esforço para identificar as informações mais relevantes, que geralmente não se apresentam de forma simples e direta.

No Brasil, o tema é recente e iniciou suas discussões na década de 1990. Nos últimos anos é possível observar um número crescente de organizações que investem em IC (MENDES, MARCIAL, FERNANDES, 2010).

Contudo, mesmo com o avanço do tema no meio corporativo, ainda há dificuldades no desenvolvimento de uma teoria consistente do ponto de vista acadêmico, com confusão entre os termos inteligência competitiva e inteligência de negócios e um forte relacionamento com áreas como estratégia e tecnologia da informação (CABRAL NETTO, LAURINDO, 2015).

A bibliometria é um conjunto de métodos e técnicas quantitativos para a gestão de bibliotecas e instituições envolvidas com o tratamento da informação. Os resultados das análises bibliométricas são considerados importantes como forma de orientar o desenvolvimento de linhas de pesquisas e mensurar suas implicações (CARDOSO, 2005; SANTOS, 2009; OLIVEIRA, 2012). É ainda um método capaz de mapear e conhecer trabalhos acadêmicos, avaliando a produção científica e incentivando a reflexão sobre esses trabalhos e sobre a área em questão.

O objetivo desse artigo é realizar um levantamento bibliométrico sobre Inteligência Competitiva no Brasil no período de 1990 a 2015. Analisando quantitativamente os artigos, dissertações e teses publicadas nesse período em quatro bases de dados acadêmicos *online*, identificando ainda as palavras-chave e assuntos, produzindo com isso uma nuvem de palavras expressando as mais repetidas e relevantes. Justifica-se pelo fato de ser um tema relativamente novo, com grandes perspectivas de crescimento e relevância para a comunidade acadêmica e organizações nacionais. Por isso, é preciso que se façam estudos que possam mensurar a produção científica, identificando o nível atual, bem como apontando tendências para futuras pesquisas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ESTÁGIOS EVOLUTIVOS DA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

O tema inteligência é bastante amplo e antigo, suas raízes tem origem na área militar. As primeiras referências são de A Arte da Guerra, de Sun Tzu, escrita por volta de 500 a.C., sendo esta a obra base de muitas teorias sobre inteligência militar. Sun Tzu foi um general chinês que viveu no século IV a.C. e que acumulou inúmeras vitórias no comando do exército real de Wu, derrotando exércitos inimigos e capturando seus comandantes. Profundo conhecedor de manobras militares, escreveu ensinando estratégias de combate e táticas de guerra (PRESCOTT, 1999; MAGNOLE, 2006). Uma das histórias mais inusitadas sobre Sun Tzu descreve como ele utilizava as concubinas do palácio para demonstrar ao rei exemplos de deslocamento de tropas e manobras de combate. Atualmente, seus princípios são aplicados não apenas em estratégias militares, exércitos contra exércitos, como também na área de negócios, empresa contra concorrentes.

O reconhecimento do terreno onde se travariam batalhas e detalhes sobre rotas de suprimento, foi transformado em conhecimento sobre o ambiente de negócios e características de atuação das empresas rivais. De modo que, a análise de condições para guerra foi assimilada em análise para competição de mercado.

A segunda corrente de desenvolvimento está relacionada à inteligência de Estado voltada a questões políticas, e Carl von Clausewitz (1780-1831) contribuiu de forma significativa com essa temática. General do Reino da Prússia, é considerado um grande estrategista militar e teórico da guerra por sua obra Da Guerra (*Vom Kriege*). É sua a frase: “A guerra é a continuação da política por outros meios”. Ele acreditava ser essencial que a guerra estivesse sempre submetida à política, isso porque nenhuma guerra poderia ser vencida sem a compreensão dos objetivos e a disponibilidade de meios, ou sem o cálculo preciso das capacidades e oportunidades. A noção de que o melhor ataque é uma ótima defesa também é comumente associada a sua argumentação (ABREU, 2000; MAGNOLI, 2006). Considerado um grande mestre da arte da guerra seus ensinamentos vão além dos exércitos militares.

Ferramentas mais recentes de análise de cenários, como a análise SWOT, acrônimo das palavras *strengths*, *weaknesses*, *opportunities* e *threats* que significam respectivamente: forças, fraquezas, oportunidades e ameaças, têm muito em comum com os ensinamentos de Clausewitz sobre capacidades e oportunidades. Assim, é notório que grandes estrategistas

militares como Sun Tzu e Clausewitz forneceram bases teóricas significativas para o desenvolvimento de conhecimentos relacionados a disputas empresariais modernas.

Houve um grande desenvolvimento dessa área durante a II Guerra Mundial, quando o produto de inteligência passou a contar com departamentos específicos de Estado. O produto de inteligência é resultante de um processo com metodologia própria e que tem por finalidade fornecer subsídios a um determinado interessado, auxiliando-o na tomada de decisão (FERNANDES, 2006).

A terceira vertente é o foco relacionado a negócios e essa sistemática voltada à inteligência competitiva em organizações é um fenômeno recente (PRESCOTT, MILLER 2012). Esse conceito, por mais moderno que seja, tem sua origem tão antiga quanto à própria arte de negociar. Os árabes já usavam dois ditados básicos sobre negócios, o primeiro dizia respeito a sorrir sempre, usar a simpatia como forma de atrair clientes e o segundo se referia a sempre circular entre as gôndolas dos rivais. Justamente o segundo objetiva buscar informações a respeito dos concorrentes, o que estavam falando, o que estavam vendendo e de que forma o faziam. Essa simples orientação pode ser considerada uma das primeiras ações de inteligência competitiva voltada a negócios.

Essa terceira fase da evolução da IC surge paralelamente à revolução da informação, na qual o conhecimento passou a ser um dos ativos mais preciosos e a capacidade de coletar e processar essas informações se tornou um elemento crítico para as organizações modernas (ANTUNES, 2008; BETHELEM, 2009).

2.2 A INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

A inteligência competitiva surgiu na década de 1970-1980, na forma de uma disciplina capaz de agregar o planejamento estratégico, atividade de marketing e de informação, com o objetivo de monitorar o ambiente de atuação das organizações e prover respostas rápidas aos acontecimentos. Sua maturidade deve ser alcançada no início do século XXI e seu principal objetivo é fornecer informações as organizações, a fim de prepará-las para a alta concorrência dos mercados globalizados (BATTAGLIA, 1999).

Hoje, a inteligência competitiva precisa ser considerada uma parte significativa da gestão estratégica, permitindo uma antecipação de tendências e superação dos concorrentes. Sendo assim, um processo sistemático e contínuo de levantamento de informações do ambiente de inserção da organização.

A principal ação da inteligência competitiva é transformar informações desconexas em conhecimento estratégico, permitindo a criação de valor e vantagem competitiva. Age ainda como um meio de diminuir os riscos e incertezas enfrentados em mercados competitivos.

2.3 O PROCESSO DE INTELIGÊNCIA COMPETITIVA

Nas últimas décadas, tanto o comércio como as comunicações se tornaram extremamente dinâmicos e o acúmulo de conhecimento tem sido mais relevante. Na “era da informação”, as empresas precisam lidar diariamente com um grande volume de informações. Dessa forma, o conhecimento, atualmente, é capaz de gerar mais riqueza do que outros recursos e a forma como isso ocorre é estratégico para as organizações (FLEURY; FLEURY, 2004). Em uma economia baseada em conhecimento, o que mais adiciona valor são as atividades exercidas com aportes de inteligência.

A vantagem competitiva visa fornecer a empresa capacidade de competir no mercado. Para garantir essa vantagem as organizações precisam monitorar o fluxo de informações do sistema competitivo, como forma de se antecipar as mudanças e identificar oportunidades. A finalidade de um programa de inteligência competitiva é o desenvolvimento de informações voltadas para a ação, ajudando a gestão profissional e criando oportunidades comerciais (MARCO, 1999). A estrutura de uso da informação na pequena e média empresa, bem como o perfil do profissional de inteligência ainda é bem distinto com relação às grandes organizações, sendo esse um desafio a ser vencido. As pequenas e médias empresas precisam compreender o uso da inteligência competitiva com fins a aproveitar seus benefícios e vantagens estratégicas (BARBOSA, 2005; SPINOLA, BEZERRA, GREGOLIN, 2008).

O grande desafio da inteligência competitiva é a velocidade de uso das informações, o tempo é, portanto, fator fundamental, caso contrário à informação perde seu valor de agregação, inovação, progresso e estratégia (BATTAGLIA, 1999; BARCLAY; KAYE, 2002). As empresas devem criar condições para que a inteligência competitiva seja assimilada em sua cultura organizacional. Tal prática permite a evolução do capital humano, alterando o modo como os colaboradores percebem a si mesmos e como percebem a organização, isso gera grandes benefícios em contextos de alta competitividade (LIEBOWITZ, 2006).

Amaral *et al* (2008) afirmam que, com relação aos papéis em inteligência competitiva, existem basicamente três: o coordenador, responsável pela equipe, alocação de recursos, planejamento das ações e diretrizes do grupo; o analista, figura central e responsável por transformar informações coletadas em inteligência útil à tomada de decisão; e, por último, o

financeiras, fontes governamentais, consulta a bases de dados *on-line*, *workshop* de informações e a rede interna de relacionamento.

Com a evolução dos profissionais e o avanço das necessidades destes por informações, as empresas vêm aprimorando os serviços de informações para atendê-los. Em complementação ao tradicional modelo de biblioteca técnica surgiram os centros de documentação, os centros de informação, as bibliotecas virtuais, os sistemas de inteligência competitiva e, atualmente, os programas de gestão do conhecimento. A mais recente fase de evolução na gestão da informação é o reconhecimento da administração do conhecimento e do capital intelectual, e as organizações têm direcionado recursos para avançar nesse sentido (RESENDE, 2002). Um fato curioso é que os próprios sistemas de informação como bibliotecas e serviços digitais estão fazendo uso da inteligência competitiva para protegerem e agregar valor aos seus acervos de conhecimento (TARAPANOFF; JÚNIOR; CORMIER, 2000).

2.4 INTELIGÊNCIA COMPETITIVA NO BRASIL

No Brasil a pesquisa em IC é recente, o marco inicial das atividades foi o início do Curso de Especialização em IC - CEIC, em 1997. Em 2000 foi fundada a Associação Brasileira dos Analistas de Inteligência Competitiva - ABRAIC. Neste mesmo ano, ocorreu o primeiro seminário privado sobre o tema, em São Paulo. Também neste ano foi defendida a primeira tese de doutorado sobre IC na Universidade Federal de Santa Catarina. O primeiro livro foi publicado em 2001. A primeira ferramenta tecnológica de apoio à atividade de IC no Brasil surgiu em 2005 (MENDES, MARCIAL, FERNANDES, 2010).

A IC apresenta grau incipiente no Brasil apesar de a academia reconhecer sua importância para os negócios. Mesmo as empresas que declaram fazer uso de processos de IC ainda o fazem em estágios iniciais, negligenciando seu potencial e contribuições importantes como adição de valor aos portfólios e desenvolvimento de capacidades especiais à organização, origem das vantagens competitivas. A IC na maioria das empresas brasileiras está alocada em departamentos de marketing, e raramente encontra-se estruturada em departamentos independentes (RODRIGUES, RISCAROLLI, ALMEIDA, 2011). Portanto, a percepção das empresas nacionais ainda está em estágio inicial.

Contudo, tem crescido o interesse pelo uso de IC em organizações nacionais, havendo inclusive um grande campo para as pequenas e médias empresas. A forte pressão

concorrencial tem impulsionado a adoção de novas ferramentas competitivas. Nessa direção, o uso de IC deve crescer e se popularizar nos próximos anos, contando inclusive com programas com fundos federais disponíveis para a criação de Núcleos de Inteligência Competitiva (ou de Inteligência Setorial) como é o caso de Santa Catarina, na área de Tecnologia da Informação e comunicação (CAMPELLI *ET ALL*, 2011).

Alguns dados apontam para um aumento da publicação de periódicos e formação de grupos de pesquisa na área, contudo, ainda é preciso realizar uma investigação mais abrangente, principalmente nos cursos de pós-graduação brasileiros, em dissertações de mestrado e teses de doutorado (MARTINS, 2012).

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliométrica em que foram utilizadas as bases de dados *online* Ciência da informação, Perspectivas em Ciências da Informação, Revista Brasileira de Administração Científica, Revista Inteligência Competitiva para pesquisas de artigos e BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) para pesquisa de dissertações e teses. Assim, inicialmente foi realizada uma busca sobre a produção do conhecimento referente à Inteligência Competitiva, tendo como objetivo identificar a produção acadêmica relacionada com o tema.

Na busca inicial foram considerados os títulos e os resumos dos artigos para uma seleção abrangente dos prováveis trabalhos de interesse. Foram utilizadas como palavras-chave os termos inteligência competitiva, estratégia competitiva e inteligência de negócios.

Os textos que continham informações relativas ao conceito e temas relacionados à Inteligência Competitiva e seus desdobramentos foram separados para quantificação, os demais foram descartados da pesquisa. Os trabalhos foram então catalogados e separados por área do conhecimento e ano de publicação. As palavras-chave dos artigos e assuntos, das dissertações e teses, foram identificadas, quantificadas e estruturadas em uma nuvem de palavras. A nuvem de palavras é uma técnica de visualização de informações formada a partir de um algoritmo que destaca o tamanho da fonte de acordo com o número de vezes que o termo é repetido. Diversos sites disponibilizam esse serviço. Foi usado o site vispublica.gov.br para a formação das nuvens de palavras neste artigo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das quatro bases de dados pesquisadas, a Revista Inteligência Competitiva teve o maior número de publicações, seguida de Ciência da Informação, Perspectivas em Ciência da Informação e Revista Brasileira de Administração Científica. Conforme demonstra o quadro 1.

Quadro 1 – Artigos publicados sobre IC no Brasil no período de 1990 a 2015.

Base de dados	Quantidade
Revista inteligência competitiva	57
Ciência da informação	45
Perspectivas em ciência da informação	20
Revista brasileira de administração científica	4

O primeiro lugar da Revista Inteligência Competitiva pode ser considerado um resultado esperado por se tratar de uma revista especializada no tema. O que chama a atenção nesse caso é o fato da Revista Brasileira de Administração Científica ter apenas quatro publicações na área, um número ínfimo dado o período de tempo analisado.

A base de dados da BDTD abrange 101 instituições nacionais, possui 371.421 trabalhos de Mestrado e Doutorado catalogados, sendo 132.993 teses e 238.428 dissertações. Foram encontradas 81 trabalhos sobre inteligência competitiva, sendo 66 dissertações de Mestrado e 15 teses de Doutorado. Conforme demonstra o quadro 2.

Quadro 2 – Teses e dissertações publicadas na bases de dados BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) sobre IC no período de 1990 a 2015.

Base de dados	Quantidade
Dissertações	66
Teses	15

O tema IC representou apenas 0,02% das teses e dissertações nacionais de 1990 a 2015, um percentual muito baixo, porém compreensível se considerarmos o desenvolvimento recente do tema no país e a grande diversidade de áreas acadêmicas.

A região Sudeste foi a que apresentou o maior número de teses e dissertações defendidas, seguida da região Sul, Centro-Oeste e Nordeste. A região Norte não teve nenhuma tese ou dissertação sobre o tema IC defendidos em suas instituições no período analisado (gráfico 1). O maior número de instituições de pesquisa e ensino e o maior

desenvolvimento tecnológico das regiões sudeste e sul explica o maior número de produções científicas.

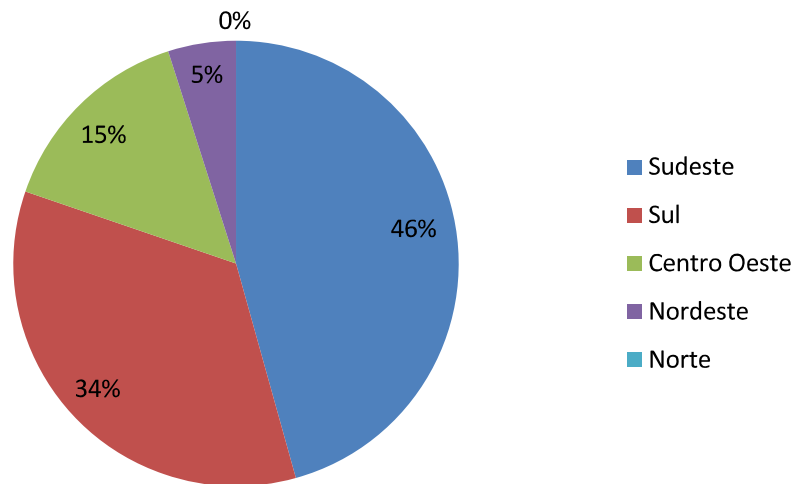
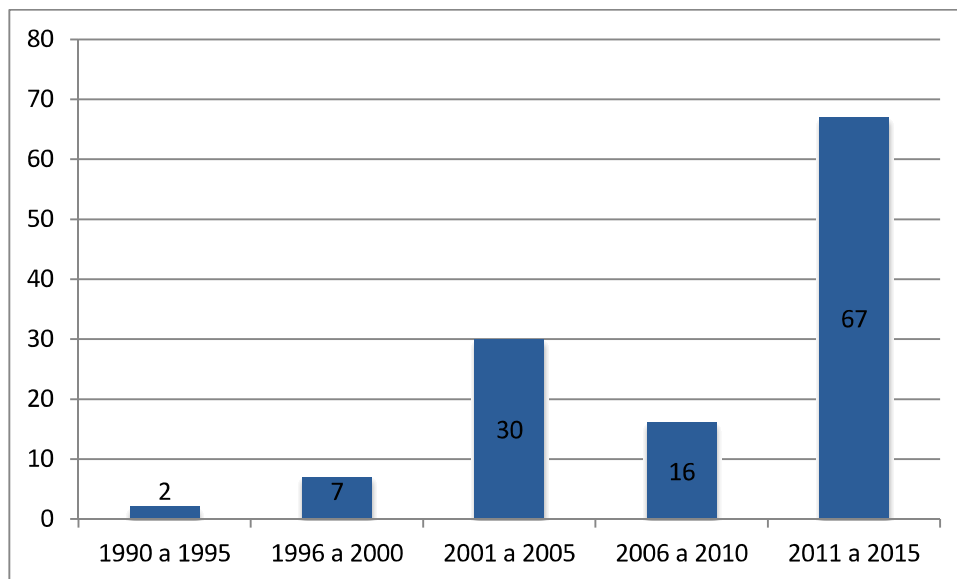


Gráfico 1 – Percentual de teses e dissertações sobre o tema IC no Brasil de 1990 a 2015 por região.

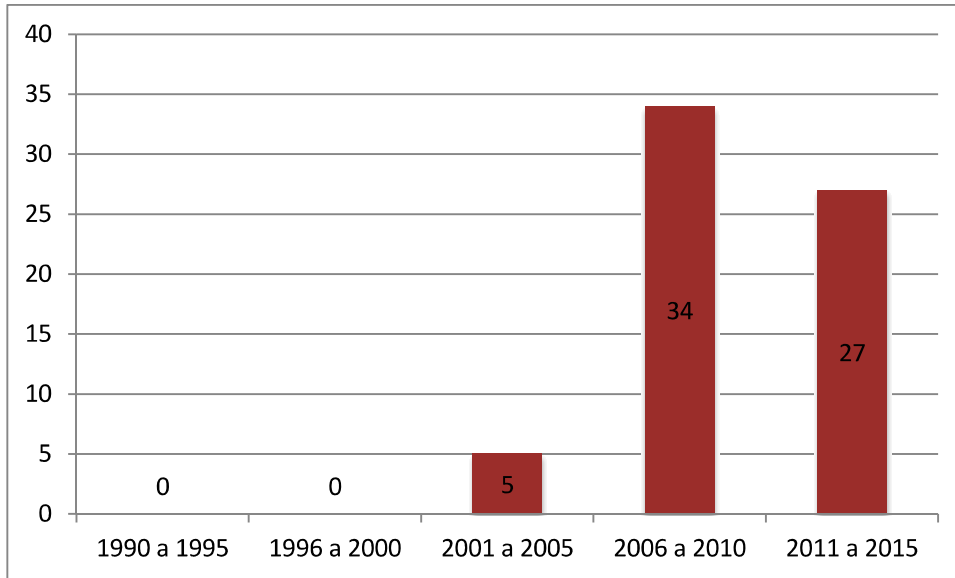
Conforme o levantamento bibliográfico os estudos sobre IC no Brasil foram iniciados a partir da década de 90. No entanto, de acordo com os dados levantados só a partir dos anos 2000 é que o número de publicações aumenta significativamente, com o maior número no período compreendido entre 2011 a 2015 (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Artigos publicados sobre IC no Brasil de 1990 a 2015.



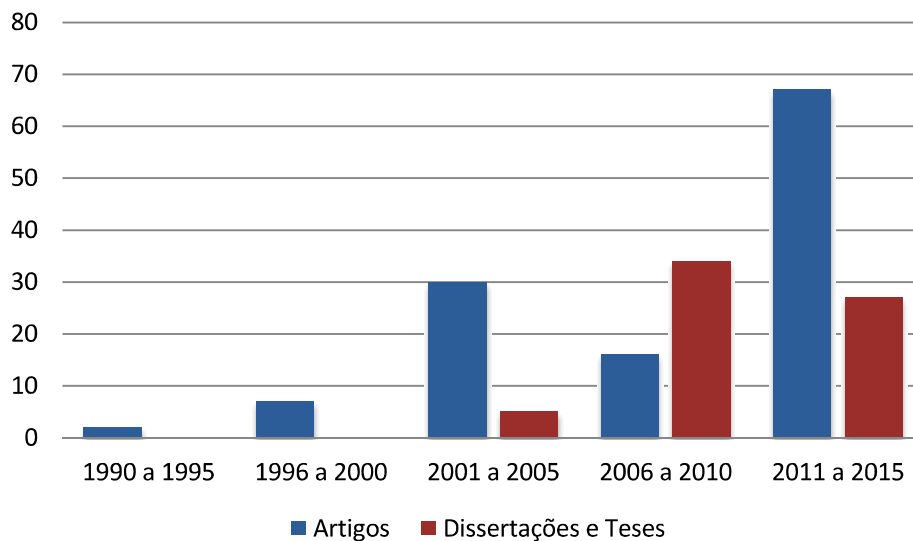
Com relação às teses e dissertações, confirmando o levantamento bibliográfico, a primeira tese foi defendida em 2001. No entanto, somente a partir de 2006 ocorre um aumento representativo de trabalhos sobre o assunto, conforme é demonstrado no gráfico 3.

Gráfico 3: Teses e dissertações defendidas no Brasil sobre IC de 1990 a 2015.



Tanto artigos quanto dissertações e teses tiveram aumento importante somente a partir da década de 2000, como mostra o gráfico 4.

Gráfico 4: Trabalhos acadêmicos sobre IC no Brasil de 1990 a 2015.



Isso pode significar um efeito tardio da academia brasileira em pesquisar temas inéditos, uma dificuldade em acompanhar as tendências internacionais na produção de novos

conhecimentos. O incremento da internet no Brasil também ganhou força a partir dos anos 2000, e isso possivelmente contribuiu para a divulgação de novos temas e pesquisas.

Outra informação a ser analisada diz respeito à área de conhecimento a qual o trabalho está relacionado. Existe uma interposição de conhecimento principalmente entre as áreas de administração, abrangendo estratégia e ciências da informação, compreendendo tecnologias da informação. Há também artigos de áreas como engenharia e outras, em menor número.

De acordo com os dados, a área de administração lidera a referência a IC com 77 publicações, seguida da área de ciências da informação com 40 artigos, engenharia com 2 publicações e outras áreas juntas com 3 artigos. Ver quadro 3.

Quadro 3 – Areas de conhecimento dos artigos publicados sobre IC no Brasil no período de 1990 a 2015.

Base de dados	Quantidade
Administração	77
Ciências da informação	40
Engenharia	2
Outras	3

Essa proximidade entre as áreas de administração e ciências da informação reflete o atual nível tecnológico empregado no uso da inteligência competitiva, com aporte de softwares e recursos informacionais no cotidiano das organizações. Isso sem dúvida aproxima as áreas de administração e ciências da informação nos estudos sobre IC.

As dissertações e teses também foram separadas por área de conhecimento e os dados são apresentados no quadro 4.

Quadro 4 – Areas de conhecimento das dissertações e teses publicados sobre IC no Brasil no período de 1990 a 2015.

Base de dados	Quantidade
Administração	61
Ciências da informação	10
Engenharia	8
Outras	2

A área de administração tem o maior número de teses e dissertações, seguida da área de ciências da informação, engenharia e outras. Nesse caso, a área de administração tem maioria absoluta sobre o tema, porém, isso pode ser atribuído ao fato de dissertações e teses abordarem um único tema com mais profundidade, enquanto nos artigos essa metodologia é menos rígida.

As palavras chave dos artigos foram quantificadas e convertidas em uma nuvem de palavras, onde as mais usadas são realçadas em tamanho. As palavras mais relevantes foram: informação, conhecimento, inteligência e gestão, como mostra a figura 2.



Figura 2: Nuvem de palavras-chave dos artigos publicados sobre IC no Brasil de 1990 a 2015.

No caso das teses e dissertações foram analisados os assuntos definidos e da mesma forma foi estruturada uma nuvem de palavras, realçando as mais relevantes conforme pode ser visto na figura 3.



Figura 3: Nuvem de assuntos relacionados em teses e dissertações sobre IC no Brasil de 1990 a 2015.

Analisando as duas imagens geradas, é perceptível que, no caso dos artigos, há uma quantidade muito maior de palavras chave, o que caracteriza um grau mais diversificado de abordagens do que as teses e dissertações, que tem seu assunto mais restrito e direcionado ao tema central em questão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados analisados, é possível concluir que a inteligência competitiva ainda é pouco estudada no Brasil. Apesar de seu uso ter se iniciado na década de 90, somente a partir dos anos 2000 identificamos um aumento significativo de produções científicas sobre IC. O avanço tecnológico é um dos responsáveis por tornar a inteligência competitiva objeto de estudo de diversas áreas, principalmente administração e ciências da informação. As tecnologias da informação são aliadas poderosas no processamento de informações e as organizações que fazem uso de processos de IC também fazem uso concomitante de sistemas tecnológicos, sobretudo softwares e banco de dados.

O número de produções científicas sobre inteligência competitiva tem crescido nos últimos anos e isso certamente se traduzirá em uma maior popularização desta ferramenta no cotidiano das organizações no médio prazo.

A lacuna de tempo entre o início da disseminação de um conteúdo e o aumento das pesquisas na área é um fator estrategicamente interessante, pois as instituições de pesquisa nacionais não estão respondendo em tempo hábil as demandas da sociedade em algumas áreas do conhecimento, como é o caso da inteligência competitiva, podendo ser classificadas inclusive como tardias. É de se esperar que essas instituições atuem na vanguarda e sejam elas as propulsoras de novos conhecimentos e técnicas. A academia é responsável por alavancar o conhecimento que será levado à sociedade e não é razoável um atraso de décadas nessa tarefa. As interações com o mercado e o protagonismo da academia ficam, portanto, comprometidos, uma vez que o dinamismo tecnológico atual exige a utilização de conhecimentos de ponta.

Dessa forma, o estudo alcança seu objetivo ao analisar a bibliometria sobre inteligência competitiva no Brasil nos últimos vinte e cinco anos, contribuindo para uma reflexão sobre a produção científica dessa ferramenta. Novos estudos devem ser feitos na tentativa de elucidar os motivos que tem provocado esse significativo atraso na geração de informações pelas instituições de ensino e pesquisa brasileiras.

REFERÊNCIAS

ABREU, FRANCISCO. **Estratégia - O Grande Debate, Sun Tzu e Clausewitz**. Campo Grande: Espera do Caos Editores, 2000.

AMARAL, Roniverto Morato; GARCIA, Leonardo Guimarães; FARIA, Leandro Innocentini Lopes; ALIPRANDINI, Dario Henrique. Modelo para o mapeamento de competências em equipes de inteligência competitiva. **Ci. Inf.**, v. 37, n. 2, p. 7-19, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v37n2/a01v37n2.pdf>>. Acesso em 10 Nov. 2014.

OLIVEIRA, Paulo; LACERDA, Juarez. Habilidades e competências desejáveis aos profissionais de inteligência competitiva. **Ci. Inf.**, v. 36, n. 2, p. 46-53, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n2/05.pdf>> Acesso em: 14 Nov. 2014.

ANTUNES, MARIA THEREZA POMPA. **Capital Intelectual**. São Paulo: Atlas, 2008.

BALESTRIN, Alsones. **Inteligência competitiva nas organizações**. Disponível em: <<http://www.seminariogestao.ufsc.br/AnaisIC2.htm>> Acesso em: 12 jan. 2004.

BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Uso de fontes de informação para a inteligência competitiva: um estudo da influência do porte das empresas sobre o comportamento informacional. IN: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, Florianópolis, 2005.

BARCLAY, Rebecca O.; KAYE, Steven E. Gestão do conhecimento e funções de inteligência: uma relação simbiótica. In: MILLER, Jerry P. O milênio da inteligência competitiva. Porto Alegre: Bookman, 2002. p. 181-196.

BATTAGLIA, Maria da Glória Botelho. Inteligência competitiva modelando o sistema de informações de clientes. **Ci. Inf.**, v. 29, n. 2, p. 200-214, mai./ago. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n2/28n2a12.pdf>>. Acesso em: 14 Nov. 2014.

BETHELEM, AGRICOLA. **Estratégia empresarial - conceitos, processo e administração estratégica**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD). 2002. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: 25 Nov. 2015.

CABRAL NETTO, Olavo Viana; LAURINDO, Fernando José Barbin. Uma análise cienciométrica da literatura de inteligência competitiva. **Prod.**, São Paulo, 2015. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132015005063411&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 24 nov. 2015.

CAMPELLI, Magali Geovana Ramlow; BARBEJAT, Myriam Eygênia Ramalho Prata; FILHO, Nelson Casarotto; STEFANO, Nara Medianeira. *Perspectivas da Inteligência Competitiva no Brasil*. Disponível em: <<http://www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/2011/sexoestec/art1706.pdf>> Acesso: em 15 nov. 2014.

CARDOSO, R. L. *et al.* Pesquisa científica em contabilidade entre 1990 e 2003. **Revista de Administração de Empresas**, v.45, n.2, p. 14-25, 2005. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae/vol45-num2-2005>>

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciainformacao/index.php/ciinf>>. Acesso em: 25 Nov. 2015.

COSTA, Marília Damiani; SILVA, Iranise Alves. Inteligência competitiva: uma abordagem sobre a coleta de informações publicadas. 2009. Disponível em: <<http://www.okara.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/415/336>>. Acesso em: 10 Nov. 2014.

FERNANDES, FERNANDO DO CARMO. Inteligência ou Informações?. **Revista Brasileira de Inteligência**, v.6, n.3, set. 2006. Disponível em: <http://www.abin.gov.br/modules/mastop_publish/files/files_5064b147c42be.pdf#page=7> Acesso em: 20 Nov. 2014.

FLEURY, AFONSO; FLEURY, MARIA TEREZA LEME. **Estratégias empresariais e formação de competências - quebra cabeça caleidoscópico da indústria brasileira**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

GAGGION, Gilberto A.; BALESTRIN, Alsones; WEYH, Carolina. Geração de conhecimento e inteligência estratégica no universo das redes interorganizacionais. **Revista inteligência empresarial**, n. 12, Jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a02>>. Acesso em: 14 Nov. 2014.

KAHANER, LARRY. **Competitive Intelligence - how to gather, analyze, and use information to move your business to the top**. New York: Touchstone, 1997. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=K3QfGoGSzmoC&oi=fnd&pg=PA7&dq=intelligence+competitive&ots=b9sJjXKBAh&sig=iflxrmvTivVE_JkGST8JwXK0an4#v=onepage&q=intelligence%20competitive%20cycle&f=false>. Acesso em: 30 Nov. 2014.

LIEBOWITZ, JAY. **Strategic intelligence - Bussiness intelligence, competitive intelligence, and knowledg Management**. New York: Auerbach Publications, 2006.

Disponível em: <

<http://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=sCY5TkmLDT0C&oi=fnd&pg=PP1&dq=intelligence+competitive&ots=Ijf5RLaf9H&sig=cpiexZz3uZhMeHdFJ7HLAt8z5Y8#v=onepage&q=intelligence%20competitive&f=false>>. Acesso em 30 Nov. 2014.

MAGNOLE, DEMÉTRIO. **Histórias das Guerras** 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCO, Sueli Aparecida. Inteligência competitiva: definições e contextualização.

Transinformação, v.11, n.2, p. 95-102, mai./ago. 1999. Disponível em: <

<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/viewFile/1553/1526>>. Acesso em: 14 Nov. 2014.

MARTINS, Carlos Jose Vieira. Desenvolvimento e Avanços da Inteligência Competitiva no Brasil. Disponível em: < <http://si2012.ibict.br/index.php/2012/4SI/paper/viewFile/10/3>> Acesso em: 10 nov. 2014.

MENDES, Andrea; MARCIAL, Elaine; FERNANDES, Fernando. **Fundamentos da Inteligência Competitiva**. Volume 1 – Coleção Inteligência Competitiva. Brasília: Thesaurus Editora, 2010.

OLIVEIRA, Elayne Karinna Figueiredo; BOENTE, Diego Rodrigues. Análise Bibliométrica da produção científica recente sobre contabilidade gerencial. **Organizações em contexto**, v.8, n.15, p. 199-212, jan/jun. 2012. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.15603/1982-8756/roc.v8n15p199-212>> Acesso em 23 nov. 2015.

OLIVEIRA, Paulo; LACERDA, Juarez. Habilidades e competências desejáveis aos profissionais de inteligência competitiva. **Ci. Inf.**, v. 36, n. 2, p. 46-53, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v36n2/05.pdf>> Acesso em: 14 Nov. 2014.

PERSPECTIVAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 1996. Disponível em: < <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci>>. Acesso em: 24 Nov. 2015.

PORTAL VISPUBLICA. Disponível em: < <http://vispublica.gov.br/vispublica/>>. Acesso em: 26 Nov. 2015

PRESCOTT, John E.; MILLER, Stephen H. Proven Strategies in Competitive Inteligence - Lessons from the trenches. **Society of Competitive Intelligence Professionals**, New York, 2001. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=9C73gea8E4MC&oi=fnd&pg=PR7&dq=i>

intelligence+competitive&ots=c2a9oi1SQP&sig=6nQniIFGv20VzbTvC4K14sB1KYA#v=onepage&q=intelligence%20competitive&f=false>. Acesso em: 14 Nov. 2014.

PRESCOTT, John E. The Evolution of Competitive Intelligence - Designing a process for action. **International Review of Strategic Management**, p. 37-52, 1999. Disponível em: <<http://files.paul-medley.webnode.com>> Acesso em: 14 Nov. 2014.

RESENDE, Yara. Informação para negócios: os novos agentes do conhecimento e a gestão do capital intelectual. **Ci. Inf.**, v. 31, n. 1, p. 75-83, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n1/a08v31n1>>. Acesso em: 10 Nov. 2014.

REVISTA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA. 2010. Disponível em: <<http://sustenere.co/journals/index.php/rbadm>>. Acesso em: 25 Nov. 2015.

REVISTA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA. 2003. Disponível em: <<http://www.inteligenciacompetitivarev.com.br/ojs/index.php/rev/index>>. Acesso em: 24 Nov. 2015.

RODRIGUES, Leonel; RISCAROLLI, Valéria; ALMEIDA, Marinho Isnard Ribeiro. Inteligência Competitiva no Brasil: Um Panorama do Status e Função Organizacional. **Revista Inteligência Competitiva**, v.1,n.1,p. 63-85, abr-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.inteligenciacompetitivarev.com.br/ojs/index.php/rev/article/view/4>> Acesso: em 20 nov. 2014.

SPINOLA, Adriana Tahereh Pereira; BEZERRA, Marcelo Barreto Perreira; GREGOLIN, José Angelo Rodrigues. Competitive intelligence - Quality function deployment integrated approach to identify innovation opportunities. **Product: Management & Development**, v. 6, n. 1, Jun. 2008. Disponível em: <http://pmd.hostcentral.com.br/revistas/vol_06/nr_1/v6n1a02.pdf>. Acesso em: 30 Nov. 2014.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo; KOBASHI, Nair Yumiko. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.2, n.1, p. 155-172, 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/21/43>> Acesso em 23 nov. 2015.

TARAPANOFF, Kira; JÚNIOR, Rogério Henrique Araújo; CORMIER, Patricia Marie Jeanne. Sociedade da informação e inteligência cem unidades de informação. **Ci. Inf.**, v. 29, n. 3, p. 91-100, set.dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n2/28n2a12.pdf>>. Acesso em 10 Nov. 2014.

Competitive Intelligence: a bibliometric analysis in Brazil 1990-2015

Currently organizations are experiencing a highly competitive environment, and new tools have emerged as a way to address these challenges. The Competitive Intelligence is one such tool, proposing to structure important information from the environment in which the organization is inserted, analyze them and provide appropriate subsidies for better decision making and strategy formulation on time. Their evolutionary bases come from ancient times, but has only been used in organizations from the decades of 1970 and 1980. In Brazil, its use was widespread from the decade of 1990. The dissemination of information on the organizational environment is directly linked to degree of scientific production in the country in the area of knowledge. The bibliometrics is used as a way to quantitatively measure the scientific production on a certain topic. Competitive intelligence in Brazil is still little studied and disseminated. The bibliometric analysis showed that the number of articles, theses and dissertations on competitive intelligence only significantly increased in the country from the 2000s, which expresses a late response of the Brazilian Academy in research related to the topic.

Key-Words: Competitive Intelligence, Bibliometric; Brazil.